

ESPAÇOS DO AFETO: UMA CARTOGRAFIA DAS CASAS DE AVÓ

BESSA, Isabella Valino Teixeira de¹

CIMINO, Laura Fernanda²

RESUMO

O objetivo do artigo é investigar como o espaço urbano comunica a cultura do lugar a partir do momento em que o corpo o habita, transformando o lugar em um laboratório de experiências intersubjetivas. Para tanto, propõe-se analisar empiricamente as casas interioranas ou “Casas de Vó”, que passam a ser compreendidas como meio comunicativo capaz de agenciar múltiplas relações de pertencimento por meio de experiências compartilhadas entre os corpos e os lugares. Partimos da questão: Como o espaço urbano comunica a cultura de um lugar? Nossa hipótese é a de que somente por meio de uma cartografia sentimental seria possível apreender o corpo vibrátil desenhado pelas casas de vó. Metodologicamente, a revisão bibliográfica apoia-se nos conceitos de percepção urbana (Ferrara, 1993) e cartografia sentimental (Rolnik, 2014).

Palavras-chave: Comunicação. Espaço. Cartografia. Afeto.

ABSTRACT

The aim of the paper is to investigate how urban space communicates the place of culture from the moment that the body inhabits, turning the place into a laboratory inter-subjective experiences. Therefore it is proposed to empirically analyze the inland houses or "Grandma Houses" that are now understood as a communicative medium capable agenciar multiple belonging relationships through shared experiences between bodies and places. We start with the question: How urban

¹ Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo e aluna do Programa de Iniciação Científica (PIC/UNIFEV). isabella-vallino@hotmail.com

² Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Professora dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Comunicação Social e de Produção Tecnológica Multimídia. Professor-Pesquisador do Programa de Iniciação Científica (PIC/UNIFEV). fernandacimino2009@gmail.com

space communicates the culture of a place? Our hypothesis is that only through a sentimental mapping would be possible to grasp the vibrating body designed by grandmother houses. Methodologically, the literature review is based on the concepts of urban perception (Ferrara, 1993), sentimental cartography (Rolnik, 2014).

Key words: Communication. Space. Cartography. Affection.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar como o espaço urbano comunica a cultura de um lugar. Esta cultura do lugar é representada pelo fluxo de informações e desejos que são passados por meio dos corpos vibráteis que constroem relações vinculativas entre subjetividades e as casas interioranas também denominadas de “Casas de Vó”. Para tal, parte-se da hipótese de que o espaço somente produz sentido através dos usos que dele se faz.

Em outros termos, diz-se que o espaço em si é uma mera abstração, na medida em que ele somente produz sentido no momento de sua apropriação realizada por um corpo. Ou seja, o espaço, ao se *lugarizar*, transforma-se em espaço informado capaz de comunicar as diferentes experiências vivenciadas num determinado lugar. É neste sentido que podemos reconhecer a habitação interiorana por meio das materialidades que lhe (in) formam enquanto meio de acolhimento e produção de afeto: muros baixos, jardim com roseira na frente da casa, alpendre com cadeiras, cheiro café pela manhã, sofá enfeitado, toalha rendada, canequinha de ágata, cristaleira, cobogó e bem-te-vi.

Para isso, a base do estudo é desenvolvida por meio de uma pesquisa empírica, onde se busca desenhos distintos e singulares de habitações ou mesmo de objetos que fazem a ligação entre passado-presente, além de estórias que nos fazem compreender este universo poético das casas de vó. Tais processos de descoberta e associativos assumem uma dinâmica contínua³, pois possuem uma relação entre corpo-espaço e seu uso presentes, tanto na disposição dos móveis quanto nos ornamentos e memórias que carregam certos objetos próprios àquele ambiente das casas de vó. Daí ser de suma importância a compreensão da cultura

³ Bertrand (1968, p. 249-72) pensou a paisagem como "resultado sobre uma certa porção do espaço, da combinação dinâmica e, portanto, instável dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, que, interagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em contínua evolução".

do lugar e de como ela modifica os hábitos e o uso nos espaços tanto na cidade quanto nas casas interioranas. Segundo Lefebvre,

assumir o corpo para pensar a cidade é assumir uma cidade que não é delineada apenas pela ocupação de seu espaço geográfico e arquitetônico, mas uma cidade enquanto espaço construído por aqueles que a habitam, uma cidade que é produzida historicamente pela significação que os sujeitos acrescentam a suas atividades cotidianas (LEFEBVRE et al., 1996, p.43).

O que foi vivido esta segmentado espacialmente, é preciso atravessar, sair do eixo habitual e perder-se no emaranhado de percepções⁴ e afetos que o espaço proporciona. Propor ao corpo a reinvenção do espaço é “abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições, limiares, passagens e distribuições de intensidades, territórios e desterritorializações (...)”. (DELEUZE, GUATARRI, 2008, p. 22). Aprender o mundo em suas formas e depois atribuir sentidos é aprender a aprender, ou seja, é criar um mundo novo, cheio de possibilidades, é encantar e (re)encantar-se ao mesmo tempo. Não é se acostumar ao que é habitual, mas, sobretudo, questionar a possibilidade do imprevisível.

1. O ESPAÇO COMUNICANTE

O espaço urbano enquanto sistema de produção cultural acaba por desenvolver um trânsito informacional; essa contextualização gera a qualificação do espaço e sua identificação social (FERRARA, 2007, p. 19 e 20). Ferrara discute a importância da cidade como espaço privilegiado do não verbal, uma vez que declara a existência da disponibilidade para o espaço imprevisível. Uma cidade onde todo

⁴ Para Guy Debord (2003, p. 43) “A construção de situações começa após o desmoronamento moderno da noção de espetáculo. É fácil ver a que ponto está ligado à alienação do velho mundo o princípio característico do espetáculo: a não-participação. Ao contrário, percebe-se como as melhores pesquisas revolucionárias na cultura tentaram romper a identificação psicológica do espectador com o herói, a fim de estimular esse espectador a agir, instigando suas capacidades para mudar a própria vida. A situação é feita de modo a ser vivida por seus construtores. O papel do “público”, se não passivo pelo menos de mero figurante, deve ir diminuindo, enquanto aumenta o número dos que já não serão chamados atores mas, num sentido novo do termo, vivenciadores.” O perder-se no emaranhado de percepções é propor ao usuário de um espaço que o mesmo possa se entregar a deriva mapeando suas sensações por meio dos caminhos que são percorridos. Esse conceito de deriva proposto por Guy Debord é a afirmação de um comportamento que se opõe aos aspectos existentes de passeio e que afirma um comportamento lúdico-construtivo.

espaço gera outro. O espaço urbano acaba adquirindo múltiplos significados, sendo que o mesmo lugar é visto por mais de uma maneira por diferentes pessoas e em tempos diferentes. Quando inserida num contexto de leitura do espaço urbano, a linguagem se torna uma fonte informacional de percepção, uma ponte de comunicação sem o uso das palavras. A cidade mostra-se como um complexo sistema de signos e, portanto, um espaço que comunica por meio da produção de perceptos ao agenciar partículas soltas de afetos.

Tendo em vista toda essa relação comunicativa entre corpo-cidade-espaço, é necessário entender como a cultura interfere e amplia nossos modos de habitar principalmente, naquilo que denominamos de casas de Vó. Trata-se de um modo singular de habitar o espaço, pois, contrariamente, aquela espacialidade midiática, as casas de interior produzem uma vivência vinculativa e afetiva do espaço já que organiza seus signos tanto materiais quanto aqueles ligados à memória de uma forma dialógica e interativa e que exclui, por sua vez, espetacularização como lugar de convivência intersubjetiva.

A soma de todos os afetos se encontram presentes na casa de Vó, desde a composição dos móveis até no cheiro de bolo saindo do forno... A varanda, a cadeira de alpendre, o filtro de barro, a toalha rendada posta sob a mesa, a cortina de vime, o tapete de retalho, a vitrola, o disco da Dalva, a hortinha e as galinhas, dentre tantas outras coisas que sempre são encontradas nessas casinhas simples e completamente aconchegantes, que mesmo com o passar do tempo ainda permanecem fiéis a certos traços de composição daqueles ambientes.

Ao observar tais signos de composição, constatamos que, o tempo linear coexiste com o tempo subjetivo, pois a organização presente rompe com a ordem hierárquica e automaticamente cria um outro desenho cronológico-afetivo. Estes novos signos são resignificados dentro de um processo contínuo que corresponde a semiose do espaço-temporal que marcam a evolução da cultura do lugar. Tais deslocamentos espaço-temporais são próprios dos múltiplos usos que fazemos do espaço dando a ele nossa partícula afetiva e fazendo com que o mesmo seja propulsor de outros significados e sentidos.

Ferrara considera a manifestação sígnica como elemento básico a interferir de modo decisivo sobre o modo como ambos espaço e tempo aparecem e, assim, atuam no modo como se processam as humanas relações comunicativas (FERRARA, 2006, p. 10). É por meio desta relação de espaço-tempo que ocorrem

as experiências que a cidade proporciona e a percepção surge como linguagem do cotidiano. O que era espaço torna-se lugar. Quando se fala em lugarizar⁵ um espaço, entende-se que o observador que antes era apenas passageiro, hoje habita determinado local, ou seja, ele entende que o espaço torna-se infinito e rompe com suas percepções, ele da forma aos afetos presentes transformando-os numa configuração que antes não existia.

o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí por que a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (SANTOS, 2012, p. 153).

2. UMA CARTOGRAFIA DOS ESPAÇOS DE AFETO

Cartografia para os geógrafos é a área responsável pela elaboração e estudo dos mapas, mas mapas também são formas de linguagem, e a cartografia neste caso torna-se sentimental/afetiva, ou seja, é quando se consegue dar língua aos afetos que circulam. Segundo Rolnik, a prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. O cartógrafo serve-se das mais variadas fontes, incluindo as não escritas. Ele se apropria e devora as paisagens do desejo. Entender para o cartógrafo não é revelar algo - é buscar - sempre, pontes de linguagem. É entender uma criação de mundos em cada sentimento, é descobrir uma geografia afetiva.

O cartógrafo inventa seus meios de pesquisa. Segundo Rolnik, “O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade”, ou seja, ele busca os corpos vibráteis do fluxo de sentimentos e desejos. Seu método é um

⁵ Para o geógrafo Milton Santos (2012, p.163) “O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. É como se a flecha do tempo se entortasse no contacto com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado.”. Ou seja, é entender que o espaço só possui sentido quando habitado por algo ou alguém”.

anti-princípio, está sempre em constante mudança, é como se fosse um (re)encatamento do mundo. Uma delicadeza com a vida. O cartógrafo é um antropófago em nós. Baseando-se na ideia de cartografia, o presente estudo propõe uma busca e um desenho sobre as coisas, lugares, vivências e casas de Avós. Para isso foi feita uma busca por fotos antigas, objetos, sentimentos e listas de nomes que remetam à ideia do que é ser Avó e da presença em suas casinhas. Para tanto, no decorrer do trabalho, surgiram dois livros que desenharam a ideia de cartografia, são eles: O livro das Coisas, a primeira entrega com fotos, detalhes, objetos, lugares, processos e experiências, e O Livro das Pessoas, segunda entrega, com poemas, relatos da vida, descrição de ambientes, diários, desenhos e saudade. O Livro das Coisas é como se fosse um livro-memória, um desejo de mostrar e de dar língua às emergências afetivas presentes nas Casas de Vó e O Livro das Pessoas é como se fosse um livro-planta, um desejo de poder tirar uma parcela existente nas casas e trazer para a pesquisa implantada.

Ao cartografar as casas de Vó, buscamos produzir desenhos possíveis de lembranças e afetos que estavam há muito guardados nos porões de memória de longa duração. É neste “entre” espaço de objetos, pessoas, lugares, vozes, aromas, silêncios que o nosso corpo se move, um corpo vibrátil. Trata-se de um conjunto de percepções que são prontamente agenciadas pelo aconchego que pode ser experimentado durante a convivência diária junto a uma “jovem” senhora de 80 anos. Devires poéticos são estórias entrecortadas, suas dores, angústias e incertezas que conosco compõem um corpo sem órgãos. Tais devires poéticos expressam, muitas vezes, desejos despertados em nós por meio de um relicário de lembranças inventadas e afetos solícitos.

Espinoza é um filósofo das superfícies. Ele pensa o corpo e a alma na imanência e não na transcendência, ou seja, é a própria existência que é encarada como potência e possibilidade. A ideia do indivíduo-corpo é baseada nas relações e experimentações dos corpos no cotidiano; estamos em constantes encontros e desencontros, constituídos por outros corpos que inferem nas partículas de formação da nossa identidade. Temos o poder de afetar e ser afetado através da potência do outro e da nossa. Para Espinosa, existem dois tipos de afetos primários: alegria e tristeza. A alegria é o afeto que aumenta nossa potência, ou seja, aquilo que é positivo. A tristeza é o afeto que diminui nossa potência, ou seja, aquilo que é negativo. Por exemplo: Ao caminhar pela rua, você encontra um homem pelo qual

você já foi apaixonada, ele sorri para você – sua potência é elevada e seu dia torna-se colorido. Isso é um bom encontro. Seguindo o mesmo padrão do exemplo acima, você caminha pela rua e encontra aquele seu professor de matemática (matéria que você também odeia) que reprovou você por 0,5 ponto – sua potência é diminuída, seu dia tende a escurecer. Isso é um encontro ruim. E a partir desses afetos primários é que variam os outros. É como na física: os corpos atraem e se repelem, entretanto, no presente estudo, invés de carga elétrica, ocorre uma carga de afetos. Aumentar nossa potência é expandir nosso território. Segundo Deleuze, ao contrário de definir um corpo por sua forma, pode-se defini-lo por meio dos afetos que estão em constante movimento.

um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por longitude de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento, entre partículas que o compõem desse ponto de vista, isto é, entre elementos não formados. Entendemos por latitude o conjunto dos afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos de uma força anônima (força de existir, poder de ser afetado). Estabelecemos assim a cartografia de um corpo. O conjunto das longitudes e das latitudes constitui a Natureza, o plano de imanência ou de consistência, sempre variável, e que não cessa de ser remanejado, composto, recomposto, pelos indivíduos e pelas coletividades. (DELEUZE, 2002, p.132).

Somos afetados pelas casas de Vó e pelas Avós. Elas estão presentes na nossa subjetividade geológica, ou melhor, elas passam por nossas vidas e marcam em determinado momento nosso território de experiências. Um fio costura um desenho imaginável das sensações encontradas quando relacionamos o nosso cotidiano com elas. A busca pela calma de um alpendre, ou pelo cheiro de amor em forma de bolo, é um ato de resistência.

3. O DISSENSO COMO ATO DE RESISTÊNCIA E A INVENÇÃO DO OUTRO

O teórico Jacques Rancière (2013) vai propor o conceito de dissenso para tratar as relações intersubjetivas que são agenciadas no interior da polis entre os indivíduos e o seu meio ambiente. Para ele as relações sociais e humanas se dão por meio daquilo que ele denominou de “partilha do sensível”, ou seja, todo encontro entre os corpos ocorre através de uma ação não consensual, mas que é fruto de percepções singulares que entram em choque no interior das comunidades constituídas político e historicamente.

Desse modo, o dissenso é determinado pelo que nós percebemos e pensamos e por aqueles que são capazes de perceber, pensar e modificar seu universo sensível, ou seja, é essa ruptura do universo padronizado para o universo sensível que gera possibilidade, que cria encontros, que é capaz de mover o corpo a ir mais longe num conjunto estratificado geopoliticamente. Trata-se, em outros termos, daquilo denominado por Rolnik de cartografias sentimentais, que extrapolam a racionalidade e os limites do território para se expandir em devir por outras paisagens subjetivas que marcam as culturas do lugar.

Quando Rancière propõe a criação de universos sensíveis, ele propõe a busca do Outro por meio do fluxo contínuo de sentimentos, pelo mar infinito de afetos capazes de desenhar novas paisagens de convívio social entre subjetividades. A cartografia é a exploração dessas coisas novas, são as linhas que buscam dar formas a uma nova linguagem. Tal conceito deve ser ainda articulado com o de invenção proposto por Virginia Kastrup para explicar os processos de conhecimento e reconhecimento operacionalizados cotidianamente na descoberta de novos espaços do desejo e da aprendizagem.

Invenção como propõe Kastrup (2007) diz respeito ao processo de cognificação. Ou seja, algo que é posto e que reativa a compreensão como potência interrogativa por meio de dois componentes: o primeiro é a constituição de problemas, é o gritar criativamente; o segundo é a constituição de linhas de solução, discursos favoráveis de determinado problema. A invenção é dada como novidade do imprevisível, ou seja, aprender é criar um mundo novo, cheio de possibilidades, é encantar e (re)encantar-se ao mesmo tempo. De outra forma, trata-se da desautomatização da percepção, ou seja, de não se acostumar ao que é corriqueiro,

mas, contrariamente, questionar acerca da previsibilidade das coisas, abrir-se ao novo.

Na teoria do Umwelt proposta por J. von Uexkull e utilizada por Deleuze e Guatarri para identificar o conceito de território, encontramos a aproximação entre os processos cognitivos e os de territorialização. Deleuze dirá que o papel do território na aprendizagem não é apontar os limites topográficos, mas, os limites semióticos.

só há desterritorialização nos limites, nas bordas de um território. O encontro com os signos, é, então, uma experiência crítica, pois se dá sobre os limites do território que é habitado. O signo põe o problema, força a pensar e exige decifração e sentido, produzindo uma reconfiguração permanente dos limites da subjetividade e do território. Toda aprendizagem inventiva é crítica, no sentido de que concerne aos limites e envolve sua transposição, impedindo o sujeito de continuar sendo sempre o mesmo (Deleuze e Guattari, 1997, p.44).

Habitar um território é arriscar-se, experienciar-se nas coisas novas. É ter como fonte de conhecimento o corpo que antes era motor e que passa a ser fonte de novas experiências que por sua vez, constroem novos modos de ver e agir sobre o mundo. Ao sermos tocados pelo estranhamento somos forçados a declinar de hábitos convencionados em busca de outros horizontes cognitivos. Pelos agenciamentos dos afetos, somos constantemente desterritorializados. Os signos que circulam por nossos corpos enviando informações são os mesmos que nos ajudam a formular outros questionamentos. Ele nos provoca e faz o nosso pensamento durar.

é importante, então, sublinhar que a aprendizagem inventiva nunca se restringe ao plano da inteligência. A inteligência participa, mas não é por sua participação que a verdadeira aprendizagem se dá. A inteligência atua, tem um papel no processo de aprendizagem, mas ela é acionada, forçada pelo encontro com os signos. (KASTRUP, 2001)

Depois de sermos tocados pelas dúvidas, nunca mais somos os mesmos, partículas do nosso pensamento são alteradas, reinventadas, sempre a procura do novo, andando na corda da subjetividade. Ver o mundo de forma diferente. Trata-se de experimentar novas formas de pensar. Trata-se de aprender a aprender.

Assim, ao relacionar o conceito de criação do novo com as casas de Vó, queremos discutir a problematização que nos passa despercebida, ou seja, estamos acostumados todo dia a fazer a mesma rota, passando pelas mesmas casinhas, mas suponhamos que um dia alguém nos convide a entrar. Aquilo que até então nos passava em branco, hoje nossos olhos são convidados a explorar sensações novas, mesmo que de início sejamos tomados por uma certa angústia própria daqueles que duvidam. Tal abertura é servida como experiência e problematização, que nos leva a inferir que o pensamento de Kastrup é de inspiração espinozista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi o de analisar como o espaço comunica na cultura de um lugar, cultura essa que foi apresentada com as casas interioranas, ou “casas de vó”, na qual são carregadas pelo fluxo de sentimentos e desejos passados por meio dos corpos vibráteis de quem as habita. A base do estudo foi desenvolvida por meio de uma pesquisa experimental, em que ocorreu uma busca por objetos e histórias a fim de compreender os sentimentos que rodeiam a velhice. Para tanto, o tema desenrolou-se através de dois livros, sendo eles: O livro das coisas, onde são encontrados os processos, objetos e fotos; e O livro das pessoas, onde são encontradas as vinte e quatro histórias, que exploram as experiências e os possíveis territórios, buscando caminhos, formas e procedimentos que dão luz no fim a um desenho. Destacamos então que o que foi vivido está segmentado espacialmente, e para nós compreendermos isso, é necessário sairmos do eixo habitual e perdemos no emaranhado de percepções e afetos que o espaço pode nos proporcionar, questionando assim a possibilidade do imprevisível.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, G. **Paysage et géographie physique globale**. Esquisse méthodologique. In: Toulouse: Revue géographique des Pyrénées et du SO, Vol. 39, 1968.

CHAVES, Tatiana. **A percepção Urbana como Produtora de Conhecimento**. Revista Avesso do Avesso, Vol. 5, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947. Como criar para si um corpo sem órgãos. In **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lucia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles. Espinosa. **Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

_____. **Design em espaços**. São Paulo: Edições Rosari, 2002.

_____. **Espaços comunicantes**. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1993.

FONTEBASSO, Maria Rosa. **Invenção e Cognição**. In: Educação & Realidade, 2000.

KASTRUP, Virginia. **A Invenção de Si e do Mundo - Uma Introdução do Tempo e do Coletivo no Estudo da Cognição**. Autêntica Editora, 2007.

_____. **Aprendizagem, arte e invenção**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

LEFEBVRE, Henri, et al. **Writings on cities**. Cambridge: Blackwell, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Editora: Wmf Martins Fontes, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

_____. **Florações da Realidade**. Núcleo de Subjetividade, 2006.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Vol I. Lisboa: Ática, 1992.